



O desenvolvimento estético

O espírito poético da psicanálise.
Ensaios sobre
Bion, Meltzer e Keats

Autora: Meg Harris Williams

Editora: Blucher, Karnac, 2018

Resenhado por: Keyla Carolina Perim Vale¹

A Sensuosa magia da leitura

Já havíamos nos encontrado antes...

Encontrado? Não, não exatamente. Considerando que em um encontro duas pessoas, ou mais, se veem e se cumprimentam, ao menos, então acho que não foi um encontro como esses. E para estes tempos de peste e isolamento, não exatamente daquela forma que fazíamos naqueles nossos congressos e reuniões científicas (*neste momento um breve suspiro carregado pela lembrança daqueles nossos eventos presenciais ímpares em que experimentávamos a sensorialidade dos cheiros dos hotéis, das salas com carpetes, dos corredores, dos perfumes e dos abraços*). Dessa vez ainda foi um encontro sem cheiro e sem pessoas – somente com vários quadradinhos de gentes –, porém cheio de emoção, de música e muitos pensamentos oníricos flutuantes. Tudo aconteceu assim: eu já havia lido Meg Williams em seus artigos, nas citações feitas por outros escritores e até na resenha crítica escrita pelo colega Junqueira² (2010) sobre este mesmo livro. Mas Meg me cooptou mesmo quando participei do Encontro Internacional “Psicanálise e Experiência Estética”, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

1 Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG).

2 A resenha crítica escrita por Junqueira foi da primeira edição do livro em inglês publicada pela Karnac Books no ano de 2010.

Depois desse evento os livros começaram a chegar de todos os lugares, aqueles que eu havia encomendado, e os outros que nos chegaram todos os anos. A magia da leitura está rondada por esse movimento contínuo de sua chegada. Naquele dia em que a encontrei, um sábado ensolarado de céu-azul-do-cerrado, estava sentada em um banco vermelho duro, com os fones de ouvido para não incomodar as outras pessoas da casa e para conseguir escutar (olhando) os palestrantes sob o som perturbador de reforma da vizinha do apartamento 902. E nesse encontro internacional ouvi várias línguas e músicas – diferente do som perturbador de concreto e azulejos se quebrando –, talvez a estética sugerida em seu livro? Pensei que se fosse capaz de ouvir esse outro ritmo, a despeito das gentes-existindo-reformando, conseguiria ler seu livro, sonhar poesia e também, em um outro momento, ouvir (enxergando) meus pacientes. E é com esse tipo de construção que Meg termina o seu livro: “A leitura é a atividade primária na poesia, assim como a escuta é a atividade primária na música, e o olhar é a atividade primária na arte” (p. 274).

Antes de chegar ao início do livro, à palavra *Sensuosa* – no original em inglês *sensuous* –, que foi cunhada pelo poeta Milton para “dar ênfase ao impacto direto, e até primitivo, da linguagem poética, que transpassa o entendimento intelectual e evoca um significado via ritmo e sonoridade” (Williams, 2018, p. 20), proponho um ensaio reverso, começando aqui pelo final do livro a fim de tentarmos chegar à *Sensuosa* magia dessa leitura psicanalítica. A tentativa desta escrita ensaística e da leitura do livro de Meg é “aprender a dizer o que sentimos, não o que devemos dizer” (Shakespeare citado por Williams, p. 274). Se eu conseguir dizer, nestas poucas palavras, o que eu senti, vocês conseguirão ler e também experimentar alguma coisa? (*Quem sabe agora experimentar a lembrança daquele cheiro dos carpetes com o ir-e-vir dos psicanalistas, a imagem-cor de um céu azul, a poesia recitada da professora de literatura do colégio, o silêncio inefável de nossas análises longas e exaustivas, os divãs-cadeiras-duras-rasgadas de tão utilizadas...*).

“A psicanálise como uma forma de arte”, título do sexto capítulo do livro de Williams, é a apresentação da ideia de que o psicanalista precisa seguir ouvindo a música ou a poesia que emana em nossos consultórios, prestando atenção à maneira como usamos as nossas palavras

e se estas se assemelham à vida, algo que os poetas conseguem fazer de uma forma muito graciosa. Meg Williams cita Meltzer, para ele: “qualquer coisa que pode ser dita, pode ser dita poeticamente” (p. 272).

Sonhando com o livro, à medida que retorno às páginas marcadas, com as pontas dos dedos, encontro versos da autora, de Brontë, Dante, Dickinson, Donne, Marvell, Milton, Keats, Shakespeare e outros. E tudo isso, assim tecido na reflexão teórica da autora, é psicanálise? De acordo com Williams, sim. Todos os trechos poéticos são sonhos-em-formação e nos ilustram o sonho subjacente da tradição poética. Nesse sentido, Bion, também lembrado por Meg, diz: “métodos não artísticos de comunicação são menos precisos do que aqueles usados por artistas” (p. 257).

Já nos capítulos quarto e quinto, “A Bela Adormecida” e “A beleza em movimento”, nos aproximamos muito da Sensuosa magia de ler e ouvir, e sob o ritmo repetitivo e enfático do poema de Keats (*Here – where – where – where – where*) re-sonhamos o sofrimento cotidiano do poeta (e também dos nossos pacientes, por que não?) nessa batida que começa na força e intensidade do aqui e que segue procurando, procurando, procurando...

A autora reconhece no capítulo terceiro que, no conflito estético, “é o objeto presente, e não o ausente, que causa dor, pelo fato de ser desconhecido e não ser passível de ser possuído” (p. 148). E isso que é “não nomeável” e desconhecido também pode fazer surgir um significado nos encontros psicanalíticos. O processo psicanalítico que considera o objeto estético apresenta a ideia em um símbolo tanto para o analista, quanto para o analisando. Assim, a atividade psicanalítica, no sentido bioniano revelado por Meg Williams, tem o propósito de revelar essa imagem/significado verdadeiro do mundo interior, perpassando pelo que nos é conhecido do mundo exterior, facilitando a formação de símbolos e o pensar.

Nos dois últimos capítulos – para o nosso efeito de contagem reversa, o primeiro e o segundo –, associando os conceitos estéticos de Bion e Meltzer, Williams retoma a questão, anunciada em seu título, se a psicanálise é uma ciência ou uma arte. Ainda duvidamos? Ou simplesmente já somos capazes de ouvir a *Sensuosa* magia das palavras?

Para Meg, o conceito de conflito estético é um salto peculiar na teoria psicanalítica, aliado às recomendações feitas por Bion para a renúncia da memória e do desejo, que permite ao analista concentrar-se apenas na experiência presente. Um presente, poderíamos dizer, no qual ele coloca de lado todo seu conhecimento teórico para se tornar um artista, ou um poeta, que, como nos ensina Manoel de Barros (2013), está em estado de palavra e pode enxergar as coisas sem feitiço... A poesia não existe para comunicar, mas para comungar... “a palavra é o nascedouro que acaba compondo a gente” (Manoel de Barros citado por Almeida, 2008, p. 52).

A *Sensuosa* magia da leitura, de gentes, é essa nossa palavra do encontro de antes até o aqui...

Referências

- Almeida, M. (2008). *Entre vôos, pântanos e ilhas: um estudo comparado entre Manoel de Barros e Eduardo White*. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Barros, M. (2013). *Poesia completa*. LeYa.
- Junqueira Filho, L. C. (2010). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher.

Keyla Carolina Perim Vale
kecapvale2@hotmail.com